

# Brasília, cidade cassada, tira título para eleição

Foto de arquivo

**Brasília** — Em 1970, o arquiteto e coronel do Exército Hélio Prates da Silva, Governador de Brasília, resolveu construir uma piscina pública coberta. Meses a fio ele supervisionou a obra mas não conseguiu assistir ao mergulho inaugural. Uma insanável falha da estrutura drenou para os terrenos próximos toda a água e o dinheiro que o coronel tinha destinado à piscina, finalmente enchida com concreto e transformada em ginásio de esportes.

Fatos dessa natureza sempre passaram com destaque para a memória insatisfeita de Brasília, que desde a fundação até hoje vem sendo administrada — sem a menor participação do povo — por uma série, em geral mal recebida, de dez Governadores nomeados. “Já vi tudo em minha vida, menos uma cidade cassada”, disse ano passado o Presidente Tancredo Neves ao se referir a Brasília, que só agora, com a emenda constitucional aprovada pelo Congresso, adquire o direito de ter representação política, inicialmente composta por oito deputados e três senadores, número que equivale ao de nove Estados.

## Corrida aos títulos

A vontade de votar de Brasília é demonstrada pela corrida dos eleitores que se registra no posto da Rodoviária, um dos oito que a Justiça Eleitoral mantém na cidade. Ali, há 40 dias, apenas seis títulos eram expedidos por dia, média que saltou para 200 depois da aprovação da emenda. A Justiça Eleitoral, ao mesmo tempo em que anda às voltas com as filas agora feitas nos postos, organiza uma campanha de esclarecimento público, porque, segundo o juiz Francisco Silva Neto, “há pessoas que há muito tempo chegaram à idade e nunca se preocuparam em tirar seus títulos, por absoluta falta de utilidade para o documento”.

Os brasilienses só votaram uma vez na vida — na última eleição direta para Presidente, em 1960, quando só havia entre eles 20 mil eleitores. A esmagadora maioria dos títulos expedidos — um total de 550 mil — nunca foi usada pelos seus portadores.

À corrida aos títulos justapõe-se com a mesma ligeireza a dos potenciais candidatos. A filha do fundador da cidade, Márcia Kubitschek, deverá disputar pelo PMDB uma cadeira na Câmara, enquanto um primo do ex-Presidente, o empresário Carlos Murillo, é o trunfo com que este partido conta para concorrer ao Senado. Também de olho no Senado está o advogado Maurício Correa, presidente da seção do DF da OAB, que espera ser apoiado pelo Governador Leonel Brizola e já admite se candidatar para suceder a José Aparecido como Governador de Brasília, daqui a quatro anos.

Candidatar-se a qualquer cargo é a intenção de Carlos Valadares, um jovem de 29 anos que se tornou conhecido por percorrer o país com o **Tancredão**, um boneco de isopor de 3 metros que ele agora reativou e está usando em campanha, enquanto pede uma ajuda para comprar para o boneco um terno novo. “Saí com o **Tancredão** na Ceilândia, na semana passada, e foi um sucesso. Como acreditei nele desde o primeiro momento, acho que Dona Risoleta vai entender que preciso usá-lo na campanha de 86”, diz Valadares, que milita no PMDB e em 15 de janeiro subiu a rampa do Planalto com o inseparável boneco, “numa posse simbólica”.

Ainda sem partido, o pastor Doriel de Oliveira garante que está no páreo para uma das oito cadeiras de deputado e diz que fará “um trabalho de catequese” nos 40 templos pentecostais que administra em Brasília. Como os sobrenomes ilustres e os golpes publicitários, o misticismo bem enraizado em Brasília, que tem 42 seitas registradas, dará à campanha eleitoral uma coloração à parte. Muitos sonham por exemplo em obter o patrocínio da líder espiritual Tia Neiva, que vive rodeada de adeptos e exerce influência direta sobre pelo menos 30 mil pessoas.

## Buzinando ao General

Mesmo sem ter podido exercer os seus direitos políticos, nos últimos 25 anos, Brasília tratou em surdina de formar uma elite organizada, um sindicalismo eficiente e movimentos reivindicatórios que se manifestaram com força. Ainda há pouco, para protestarem contra o que consideram “o último Governador biónico” — o deputado José Aparecido, indicado pelo Presidente Sarney — grupos de brasilienses foram às ruas e invadiram gabinetes de senadores para pressioná-los contra a aprovação do nome.

Durante a campanha pelas diretas, o orgulho cívico de Brasília foi devidamente atizado e os moradores se manifestaram com um espetacular **buzinaço** que encheu os tímpanos do General Newton Cruz, então Comandante Militar do Planalto. O líder do Governo Figueiredo na Câmara, Nelson Marchezan, foi brinda-

do com uma chuva de ovos, lançados por manifestantes irados com a instável postura do Planalto em relação à sucessão presidencial.

Em 1976, o clamor de Brasília ecoou em forma de canto. Em agosto desse ano, no enterro do ex-Presidente Juscelino Kubitschek, o povo saiu às ruas e num coro de mais de 10 mil vozes mudou a letra do tradicional **Peixe Vivo** para indagar com expressão: “Como poderei viver sem democracia?”

A campanha pelo voto e a representação política tomou forma em 1979, contando com o patrocínio da Associação Comercial do Distrito Federal, presidida até hoje pelo empresário Azis Lindemberg Cury, e contando com a ativa participação da Ordem dos Advogados. Um nítido sentimento brasiliense, compartilhado pelos pioneiros, sempre esteve ligado à vontade de autonomia política e se reflete nas críticas que o líder empresarial Ozório Adriano Filho reserva para o coronel e arquiteto que construiu em Brasília uma piscina furada.

— A primeira vez que o Coronel Hélio Prates veio a Brasília foi para assumir o cargo — diz Ozório, que revela que todo o secretariado de Prates veio do Rio Grande do Sul e que se julga um pioneiro, por residir na cidade desde 1960. Severo nas críticas que também faz ao Senado, cujo poder a seu ver cassou a representatividade de Brasília e sempre bloqueou as pretensões do empresariado local de ascender ao Governo, Ozório está agora empenhado em organizar o PFL na cidade, preparando-o para lançar candidatos nas próximas eleições.

## Prestígio total

A pretensão dos empresários se justifica. O mando político em Brasília, pela natural projeção da Capital e a proximidade do poder central, tem sido um eficiente trampolim para vãos mais arrojados, do qual os homens nomeados para exercê-lo sempre souberam tirar proveito.

O primeiro Prefeito de Brasília, Israel Pinheiro, acabou se cercando de suficiente prestígio para eleger-se depois Governador de Minas. E o Deputado federal Tapey Júnior (PFL-PI) garantiu uma cadeira na Câmara, por seu Estado, depois de ter sido Secretário de Saúde de Brasília e dedicar-se com todo empenho a ajudar os conterrâneos que vinham à Capital. Atentos ao valor da cidade na estratégia política nacional, o goiano Mauro Borges e o mineiro Itamar Franco, ambos senadores, fizeram tudo para governá-la sob o atual Governo, antes que a escolha de Sarney se fixasse em José Aparecido.

— Com a conquista da representação política, ficaremos livres das esdrúxulas listas de indicações e o processo evoluirá, porque a cidade já está suficientemente politizada para não aceitar mais Governadores nomeados — diz o advogado Maurício Corrêa.

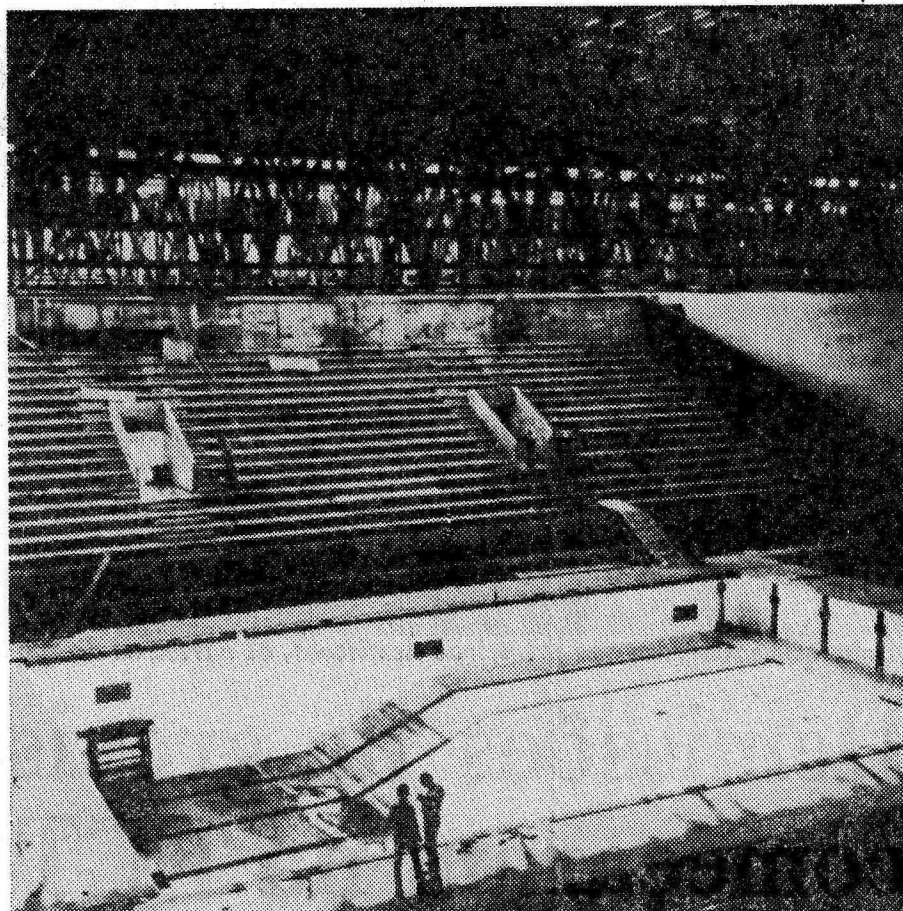
A conquista é também bem recebida pelo editor-geral do **Correio Braziliense**, Ronaldo Junqueira, para quem Brasília saiu “valorizada” com ela, somando agora às alegrias da corte a força significativa do voto. Antes, lembra Ronaldo, havia de quatro em quatro anos uma reciclagem na corte, e a nova situação será bem mais vantajosa, por se formar na cidade uma representação sedimentada.

## Boa escola, maior renda

A sequência de 10 Governadores feitos de cima, se deixou alguns problemas, nunca teve pela frente, porém, para administrar, um quadro verdadeiramente dramático. Em Brasília moram os detentores da maior renda **per capita** de todo o país e a cidade tem um índice de escolaridade — 90% — que é também o primeiro. Seu orçamento — hoje de Cr\$ 3 trilhões — é considerado modelo e o endividamento, menos de 2% deste orçamento, é menor que o de qualquer Estado. A situação é facilmente explicável, pois a União concede a Brasília 50% do seu orçamento, 80% do qual se destina a pagar funcionários dos setores de educação e saúde.

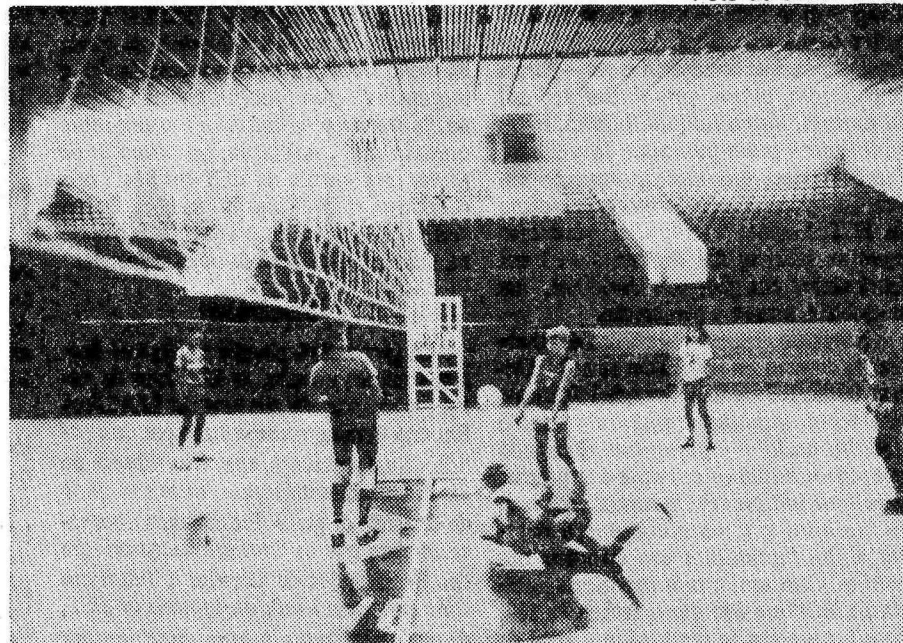
Os Governadores nomeados, mesmo assim, deixaram para os brasilienses pobres um terrível déficit habitacional, de 80 mil moradias, e nunca resolveram o problema de transporte para os trabalhadores, que enterram até 30% do que ganham por mês para se deslocar entre o emprego e a casa. Ao mesmo tempo, nada é mais comum em Brasília do que os carros oficiais que conduzem os funcionários da República.

Ou melhor: há coisas igualmente comuns, como a sucessão de absurdos pelas quais são responsáveis os homens que governaram sem voto a Capital da República. Arquiteto, Coronel e Governador, Hélio Prates, além da piscina que acabou tapada, fez também um estádio de futebol que teve de ser refeito, em 1981, depois que a cobertura caiu.



A piscina de Prates virou mina e levou a água para longe

Foto de José Varella



... no lugar, o jeito foi construir um ginásio de esportes